



X

CONGRESSO
DA COMUNIDADE
MÉDICA DE
LÍNGUA PORTUGUESA

2022

SAÚDE LUSÓFONA NO
PÓS-PANDEMIA

BISSAU - 4 E 5 DE MAIO

Boletim Informativo
MAIO/2022



CMLP
Comunidade Médica
de Língua Portuguesa





Ministro da Saúde Pública da República da Guiné-Bissau

As crianças são a flor da nossa luta

Antes de mais, quero agradecer aos meus colegas bastonários de todas as Comunidades Médicas de Língua Oficial Portuguesa, por terem decidido realizar o seu décimo congresso na nossa muito querida cidade de Bissau. Trata-se duma mensagem que a todos nos faz felizes e cujo conteúdo saberemos interpretar e corresponder.

De seguida, deixar aqui registradas as “boas-vindas” a todos os participantes que neste evento vão partilhar conosco os seus conhecimentos e deixar sugestões para alcançar, tão breve quanto possível, aquilo que todos desejamos e que é o acesso à saúde e o bem estar do nosso Povo.

Por experiência própria e pessoal, sabemos bem quão difícil é o caminho que temos pela frente, mas também sabemos que com o apoio do nosso governo e com a determinação dos nossos médicos, enfermeiros e técnicos tudo será mais fácil para garantir a melhor saúde aos nossos concidadãos.

Permitam-me então que, neste contexto demográfico, eu saúde de modo particular as crianças da Guiné-Bissau, a quem Amílcar Cabral, o mentor espiritual da nossa independência, chamou “as

flores da nossa luta”, e às quais o nosso ministério dá todo o seu empenho, atenção e carinho, pois são as crianças que representam as gerações vindouras, a quem nós queremos deixar em legado um país moderno e organizado, justo para os seus cidadãos e olhado como exemplo pelos demais.

O país que agora visitais, na sua diversidade étnica e cultural, é bem o testemunho de como a língua é um instrumento único de relação, entendimento e coesão. Só por isso, somos bem merecedores da vossa atenção e credores do vosso apoio.

Somos, além do mais, um povo acolhedor que sabe receber e desejoso de abrir as suas portas, sendo certo que é na relação entre os povos, na troca de conhecimentos e de bens que o mundo progride e as fronteiras se esbatem.

Sede bem-vindos à Guiné-Bissau. Voltai sempre.

Dr. Dionísio Cumbá



Bastonária da Ordem dos Médicos da Guiné-Bissau

É com o maior gosto e até com uma pontinha de emoção que vemos finalmente realizado um desejo de muitos anos!

A decisão tomada pelos colegas bastonários dos países que integram a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) de realizar em Bissau, nos próximos dias 4 e 5 de maio o seu X Congresso, vem ao encontro de aos nossos anseios e projetos e é o testemunho inequívoco da atenção à realidade do nosso país, que está agora num grande e ambicioso processo de mudança, graças ao programa e medidas já tomadas pelo nosso ministro da saúde, dr. Dionísio Cumbá.

É certo que temos muitas dificuldades pela frente, mas também é certo que temos dado passos muito significativos na organização e na distribuição dos meios limitados que temos ao nosso dispor, confiados que estamos nas possibilidades e nos apoios recebidos de tantos amigos.

Ao nível da nossa Ordem dos Médicos, que leva ainda poucos anos de existência, temos consciência da necessidade de revisão dos estatutos e de contribuir para acompanhar e vigiar a formação e especialização dos quadros que o

país tanto necessita, respondendo aos melhores critérios de qualidade da medicina.

Partilhamos e consagramos dos princípios e valores desta nossa Comunidade Médica de Língua Portuguesa (CMLP), desejando que com o apoio de todos nos permita caminhar e atingir os horizontes que sempre sonhamos.

O tema da Saúde Lusófona no pós-pandemia é, no nosso entendimento, um dos grandes temas deste congresso, sendo certo que a mobilidade e a formação de quadros serão sempre prioridades e as nossas ambições.

Estamos confiados que o tradicional bom acolhimento do nosso povo e as paisagens paradisíacas que os vossos olhos irão disfrutar ficarão sempre gravadas na vossa memória com o desejo de voltar.

Sejam bem-vindos à cidade de Bissau.

Isis Julieta Ferreira



Secretário Permanente da Comunidade Médica de Língua Portuguesa

X Congresso CMLP

Neste já razoavelmente longo, mas agradável e desafiador, período de tempo no exercício de funções ao Serviço da Comunidade Médica de Língua Portuguesa pudemos testemunhar como tem sido importante e necessário o contato permanente e a troca de ideias entre os médicos que falam a Língua Portuguesa sentindo-a como fator de coesão enquanto percorremos o caminho na procura do progresso, bem-estar e modernidade.

Sentimos também que não teremos feito tudo quanto desejávamos ou sonhávamos, mas fatores externos e imprevisíveis impuseram, se não o marcar passo, pelo menos alguma lentidão nas nossas diligências.

Cultivamos de fato a proximidade, soubemos ser irmãos e solidários em tempos difíceis, abrimos portas aos que nos procuraram, mas o caminho faz-se caminhando, pelo que temos ainda longas etapas a percorrer onde se contam a mobilidade sem barreiras e as conquistas da qualidade no exercício das nossas tão diversificadas atividades.

Em Brasília, no Porto, Praia, Maputo e Luanda convivemos em ambiente festivo, demos azo aos sentimentos que nos unem, pusemos em evidência e trocamos os nossos conhecimentos.

Com a realização deste congresso na acolhedora e simpática cidade capital da República da Guiné-Bissau demos mais um passo em testemunho de quanto nos move e como podemos triunfar se caminharmos juntos e de mãos dadas.

Não desconhecemos nem ocultamos as dificuldades que nos esperam, mas, com a determinação que nos caracteriza e com a força que vem da união, estamos convictos de que alcançaremos o horizonte que os fundadores desta comunidade médica consertaram e nos deixaram em legado.

É com os olhos postos nas gerações dos colegas que nos seguem na sequência imparável dos tempos, para os quais tudo faremos para lhes proporcionar formação e qualidade, que vos saudamos a todos quantos participam neste congresso, desejando o maior sucesso nas vossas carreiras. Ao país que agora nos recebe de forma tão acolhedora, deixamos uma saudação amiga e um abraço de gratidão na pessoa do sr. Ministro da Saúde Pública, dr. Dionísio Cumbá, a quem desejamos também os maiores êxitos, que são, afinal, o grande proveito para o povo da Guiné-Bissau.

José Manuel Pavão
Cirurgião Pediatra



Secretário-geral da União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa

É com muito gosto que, na qualidade de Secretário-geral da UCCLA – União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa, me associo ao Congresso da Comunidade Médica de Língua Portuguesa, que ocorre em Bissau, felicitando os organizadores e dentre estes, o sr. dr. Manuel Pavão, meu amigo e personalidade desde sempre interveniente no reforço da sociedade civil, com vista ao aprofundamento das relações com os povos e países da língua comum, o português.

Só o fato ponderoso e inultrapassável, resultante da UCCLA ter há muito projetado a realização da iniciativa a ter lugar em Lisboa, no dia 5 de maio, dia da Língua Portuguesa, me impede de estar presente em Bissau, neste importante Congresso Médico da Língua Portuguesa.

A iniciativa não poderia ter sido mais oportuna, quer na escolha da data quer no tema. A medicina convoca-nos, nos dias de hoje, para a enorme relevância que tem em todos os domínios, não apenas para a preservação individual e coletiva da saúde, mas também como instrumento fundamental para o desenvolvimento humano.

Na verdade, a pandemia da covid-19, que pela primeira vez na era da globalização impôs respostas conjugadas a nível mundial, colocou a nu a necessidade dos países considerarem a saúde como um objetivo prioritário das políticas públicas a desenvolver.

Esse combate, para além de envolver o reforço de investimento em equipamentos hospitalares e de recursos humanos, nomeadamente de profissionais de saúde e, desde logo, médicos, tem de ter presente que, particularmente em África, importa que haja respostas à criação de laboratórios que produzam vacinas adequadas à luta contra toda a sorte de epidemias, muitas delas resultantes de doenças tropicais.

Sabemos bem que este é um objetivo difícil, com limitações múltiplas, mas inadiável e que infelizmente tem que ser prosseguido no quadro de agravamento das desigualdades que neste momento se verificam.

Esse agravamento, que resultou da pandemia, cresceu, como é sabido, pela guerra que se desenvolve na Ucrânia, face à repercussão da subida dos preços dos produtos essenciais, nomeadamente dos alimentos.



Por todas essas razões, não duvido que as intervenções que terão lugar durante os dois dias do Congresso abrirão portas para debates relevantes que servirão aos objetivos que motivaram os organizadores.

As relações de profunda afetividade que unem os povos e países de Língua Portuguesa representados na CPLP, uma organização singular à escala planetária, e as iniciativas que já levou a efeito no domínio do objeto do Congresso não deixarão também de ser

consideradas, tal como outras de inúmeras estruturas da sociedade civil.

A experiência acumulada, a excelência dos profissionais de saúde, nomeadamente dos médicos portugueses e as organizações que os representam, são também garantia de que o futuro tão incerto dos nossos dias não deixará de gerar, por isto, acrescida esperança.

Bem-hajam.

Vítor Ramalho



Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário da Guiné-Bissau em Portugal

Tendo tido a honra de acompanhar de perto e desde há alguns meses as complexas diligências para levar a bom porto a organização e desejada concretização do 10º Congresso da Comunidade Médica de Língua Portuguesa (CMLP) na nossa querida e amada cidade de Bissau, estamos agora em boas condições para nos regozijarmos pela feliz decisão sobre a escolha da cidade-berço dos meus antepassados, bem como pelo gosto de receber no chão sagrado da nossa Pátria tão distintos representantes desta Comunidade Médica.

Fazem-no em data muito significativa, que é o dia 5 de maio, Dia da Língua Portuguesa e das Culturas na CPLP.

Comemorar a língua que falamos e através da qual nós lemos e interpretamos o mundo que nos rodeia é celebrar a nossa mundividência comum, fator nuclear da nossa identidade partilhada na diversidade fértil das nossas culturas, cujo respeito é garantia da sua continuidade geracional e perenidade.

Eu estou certo de que os meus compatriotas médicos e demais agentes da saúde, saberão aproveitar esta excecional oportunidade de



convívio e partilha de conhecimentos, tirando as indispensáveis conclusões para o bom desempenho profissional.

Como estou certo, também, de que o competente governo da Nação, a quem felicito por ter trazido a Bissau tão importante e qualificado evento, saberá estabelecer parcerias e aproveitar a troca de experiências e os conhecimentos mais modernos como contributo para melhor proteger as vidas dos nossos cidadãos e para melhorar os cuidados de saúde das nossas populações.

Todos nós sabemos que sozinho ninguém alcança o sucesso e a excelência. Por isso, nós devemos aproveitar esta oportunidade de partilha em benefício das populações que servimos, a fim de lhes proporcionar o acesso a melhores e mais diferenciados cuidados de saúde. Assim, eu desejo vivamente que este Congresso seja coroado de grande êxito e que os nossos visitantes levem da nossa cidade, do nosso chão sagrado e da sua gente as melhores recordações e um sentimento de amizade reforçada que perdure para SEMPRE. Nô Sta Djuntu!

Hélder Vaz Lopes
Representante Permanente junto da CPLP



Presidente do Instituto Camões

Na qualidade de Presidente do Camões-IP, com o mandato da língua e cooperação, felicito a organização e os promotores e cumprimento os participantes do X Congresso da Comunidade Médica de Língua Portuguesa (CMLP), que decorre em maio, em Bissau, coincidindo, aliás, com o Dia Mundial da Língua Portuguesa. Com efeito, o Português é um dos nossos mais preciosos denominadores comuns, que nos une além de outros laços culturais, intelectuais e de uma dimensão mais ampla das ligações da cooperação para o desenvolvimento.

Saúdo, assim, este X Congresso da Comunidade Médica, que concorre para a valorização daquilo que nos une enquanto países irmãos e que se reúne num momento ainda desafiante para toda a comunidade científica internacional, contribuindo para a partilha, especialização de conhecimentos e desenvolvimento de competências nas áreas científicas e de gestão da comunidade médica desse vasto universo de países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

Num momento em que estamos a sair de uma longa emergência sanitária, decorrente da



pandemia de covid-19, que nos afetou à escala global e que, aliás, fez sobressair, de forma ainda mais nítida, o fosso entre os países mais ricos e os mais vulneráveis e que voltou a remeter para a pobreza extrema milhões de pessoas, iniciativas como este Congresso permitirão, estou convicto, debater questões e trocar

experiências que sejam suscetíveis de aproximar grupos sociais no objetivo comum do progresso e do desenvolvimento, nesse maravilhoso universo que é a Língua Portuguesa e os povos que o compõem.

Embaixador João Ribeiro de Almeida



**Presidente do Conselho
Federal de Medicina (Brasil)**

A saúde pós-pandemia

A importância de se promover saúde e prevenir doenças é pauta de destaque em todo o planeta há mais de dois anos. A realidade experimentada neste período de arrefecimento da pandemia de covid-19 nos países lusófonos volta nossos olhares para valores e princípios norteadores da prática médica, sendo a ética, a disciplina, a responsabilidade, a beneficência e a não maleficência alguns desses princípios que se impõem diante dos compromissos que assumimos com a medicina e as populações.

A eficiência e as deficiências dos diversos modelos de sistema de saúde ao redor do mundo, muitos já sobrecarregados antes do novo coronavírus, foram expostas, evidenciando a necessidade de se prover cuidados à saúde física e mental nos diversos níveis de atenção. Agora

fica o questionamento: o que aprendemos com uma das maiores crises sanitárias do mundo?

Além da necessidade de distanciamento social e do uso de máscaras, higiene, vacinação, hipertensão, alimentação saudável, burnout, sedentarismo, tabagismo, obesidade são alguns dos temas exaustivamente mencionados durante a pandemia e que devem permanecer no nosso radar, guiando os próximos passos para que a saúde esteja em foco e não apenas a cura de doenças.

A abordagem clínica desses fatores, aliada à profilaxia e ao diagnóstico precoce, enfatizam a importância do médico em auxiliar na melhora da saúde individual. Entretanto, o aconselhamento profissional tem extensão limitada quando se trata da adoção e perpetuação de hábitos saudáveis.



Conceituada desde 1986, na Carta de Ottawa, a Promoção da Saúde (PDS) descreve esses e outros fatores protetores e de risco, que dependem, mais do que do indivíduo e do médico, de políticas públicas e programas capazes de transformar estruturas, comportamentos e determinantes sociais. Um desafio? Sim, mas não intangível.

Nesse caminho de promover saúde, os países têm a justiça distributiva como bússola, tanto para a ordenação equitativa e eficaz de direitos e benefícios quanto para a identificação de episódios de escassez. Possibilitando, assim, o referenciamento de práticas e a alocação de recursos de forma a minimizar o desperdício e maximizar a eficiência dos sistemas, passando pela saúde, educação, seguridade social e outras áreas que interferem nos determinantes

sociais de saúde, visto que nenhum sistema é capaz de lidar isoladamente com os desafios que se apresentam às sociedades.

O que aprendemos? Aprendemos que a saúde é um direito positivo que deve ser protegido por todos, cabendo aos países e seus governantes o compromisso de promover saúde de forma sistêmica e com eficiência por meio de legislações, campanhas educativas, políticas públicas e programas perenes, para que suas populações tenham mais saúde ao se depararem com as intempéries que virão, sejam causadas por pandemias, endemias, crises econômicas ou quaisquer outras que fragilizem a segurança social do indivíduo.

José Hiran da Silva Gallo

Pós-doutor em Bioética pela Universidade do Porto



Bastonário da Ordem dos Médicos de Portugal

Chegámos à 10^a edição do Congresso da Comunidade Médica de Língua Portuguesa (CMLP). É um marco simbólico de grande relevância, que acompanha uma nova era de desafios, de progresso e de entreaajuda na medicina em particular e na saúde como um todo. Falar da “Saúde Lusófona no Pós-Pandemia”, como este congresso se propõe, é abrir caminho a uma medicina mais avançada,

mas, sobretudo, mais equitativa e mais justa, com acesso para todos os que dela necessitam.

As desigualdades sociais são um dos grandes desafios presentes e futuros que nós, enquanto humanidade, temos de enfrentar para poder mitigar. Mas também nós, enquanto comunidade lusófona, temos a obrigação de



fazer a diferença localmente, antes de pensar em mudar o mundo inteiro.

As decisões que viermos a tomar no futuro, em pandemia ou fora dela, precisam da medicina e da ciência, mas estas áreas só podem ser rentabilizadas se a diplomacia em saúde for efetivamente uma realidade, com capacidade de antecipar e articular necessidades e dados em saúde para que a decisão seja tomada de forma sustentada e esclarecida. Necessidades como a reorganização de recursos profissionais (médicos e não só), propostas que nos capacitem para uma melhor resposta a crises sanitárias e dados que nos permitam esbater as desigualdades que tanto nos prejudicam.

É com essa urgência que exalto, com especial satisfação, este elo entre povos que partilham um dos principais patrimónios das civilizações modernas: a língua. Reunimo-nos este ano na Guiné-Bissau, uma nação fantástica que está, infelizmente, a passar por dificuldades de desenvolvimento e de tensão sociopolítica que não nos podem ser indiferentes.

Enquanto médicos, fomos formados para ajudar o próximo, consagrando a nossa vida em favor da humanidade. Esse é um valor que, através da medicina, queremos partilhar com toda a comunidade, aproveitando a tecnologia que, cada vez mais, nos auxilia na nossa missão, mas nunca esquecendo que a relação médico-doente é o último reduto da comunicação humana. Onde existem fragilidades, mas também confiança. Onde existem preocupações, mas também soluções. Onde existem receios, mas também empatia. A relação médico-doente é, no fundo, um património imaterial da humanidade que tem, na língua que falamos, uma das

suas grandes dimensões. Como nos disse Mia Couto, “a nossa língua comum foi construída por laços antigos, tão antigos que por vezes lhes perdemos o rasto”. Escrevo estas palavras com a esperança de que o X Congresso da Comunidade Médica de Língua Portuguesa seja uma forma de seguir esse rasto, celebrando-o e tornando-nos mais fortes

Nos dias 4 e 5 de maio vamos falar da língua enquanto fator de coesão, vamos debater acerca da capacitação e do desenvolvimento do capital humano em saúde, mas vamos também analisar um flagelo que tem vindo a crescer um pouco por todo o mundo: a violência contra os profissionais de saúde e contra os médicos. Temas que nos unem e que exigem de nós uma atenção redobrada.

Dia 5 de maio é, aliás, um dia especial. Comemoramos, juntos, o Dia Mundial da Língua Portuguesa. Celebrando, assim, a importância cultural e histórica da língua portuguesa para toda a CPLP. Momento para apresentar uma proposta de criação de um Prémio Literário da CMLP, que nos permita reforçar a nossa língua, a nossa solidariedade e a nossa identidade.

Como médicos, temos a responsabilidade de fazer a diferença, desenvolvendo condições para que a saúde chegue a todos e para todos. Este X Congresso da Comunidade Médica de Língua Portuguesa é o momento ideal para fortalecer a nossa cooperação, com partilha de experiências e com reforço dos vínculos relativos à formação médica. Podemos e queremos fazer história numa cooperação em que todos temos a ganhar.

Miguel Guimarães



Bastonária da Ordem dos Médicos de Angola

Permitam-me uma palavra especial de estima e agradecimento pela colaboração de toda a comunidade envolvida. É nossa convicção de que a presença de todos constitui o entendimento de que os nossos problemas têm uma base comum e que a língua e a cultura que nos une, possibilitando a sua fácil discussão e difusão, justificam a certeza de que entre nós não há fronteiras, nem alfândegas do pensamento, quando se trata da defesa de uma medicina de qualidade ao serviço dos nossos países da CMLP.

Com a memória ainda muito viva a fazer-me recordar a elevada participação, o entusiasmo e o decorrente sucesso que foram os congressos da Comunidade Médica de Língua Portuguesa (CMLP) realizados nesta sempre acolhedora cidade de Luanda, vamos agora encontrar-nos, em Bissau, a 4 e 5 de maio próximo, para mais uma vez dar testemunho do que uma língua pode fazer em termos de aproximação, convívio e alcance de objetivos comuns.

É dos clássicos que ninguém pode ter sucesso sozinho, sendo certo que é no convívio e na luta comum que se consegue progredir rumo à eficácia e modernidade. “Estamos juntos”, como diz na rua o povo do meu país! É também para estarmos juntos, abordar e discutir os desafios que carregamos, descobrir novos caminhos onde possam estar a sua resolução que nós iremos participar activamente com alegria e esperança nesse dia 4 e 5 de maio do ano de 2022, em Bissau, capital deste inquieto

país irmão que não desiste de procurar o seu rumo e estabilidade.

É, pois, neste grande espaço geográfico moldado em gente distinta, mas unidos em horizontes comuns que nós lutamos por garantir melhores tempos e caminhos mais fáceis à geração que nos segue e procura sem cessar a mobilidade sem obstáculos e a formação de qualidade que irá ser tão útil aos nossos concidadãos.

O programa do Xº Congresso foi estruturado na perspectiva de mobilizar as sinergias existentes nos países de Comunidade Médica de Língua Portuguesa, valorizando o incontroverso contributo que as organizações profissionais de médicos desses países podem dar no reforço da capacidade técnico-científica e na dignificação da ética e da deontologia dos seus membros. Permito-me salientar as origens frequentemente comuns de formação académica e profissional de médicos e a natural aproximação dos povos dos países de Língua Portuguesa, resultante de um passado histórico e de uma língua comum.

Este X Congresso, tendo por tema central “Saúde Lusófona no pós-pandemia”, constituirá, estamos certos, uma forte contribuição para a criação de redes de conhecimento que possam mobilizar a medicina ao serviço dos nossos países nos processos de desenvolvimento.

Um bem-haja a toda a Comunidade.

Dra. Elisa Pedro Gaspar



Bastonário da Ordem dos Médicos de São Tomé e Príncipe

A ORMED-STP como garantia de um futuro melhor para a saúde dos santomenses

Lacunas existentes no sistema nacional de Saúde de São Tomé e Príncipe e a determinação de um grupo de médicos nacionais foram fatores que estiveram na génese da lei nº 8/2014, na qual a Assembleia Nacional do país aprovou o Estatuto da Ordem dos médicos.

Como toda organização, em sua fase inicial, tem vindo aos poucos ganhando espaço e voz na sociedade santomense com o objetivo final de se posicionar como verdadeiro parceiro e conselheiro do estado para políticas de saúde, fomentar e perpetuar uma maior cultura científica no seio dos profissionais da saúde que garanta uma medicina mais humanizada, competente e segura, transformando-se, assim, num verdadeiro advogado da população para questões de saúde.

Para a consumação dessas premissas, a Ordem precisa ser isenta, verdadeiramente autónoma, rápida e eficaz nas suas decisões e sobretudo se preocupar constantemente com a promoção dos seus associados.

A carência em recursos humanos especializados afigura-se como um fator decisivo na qualidade e segurança dos serviços de saúde prestados aos utentes e

em simultâneo joga um papel desfavorável na formação e aperfeiçoamento contínuo dos médicos. Na perspectiva de ver melhorias nessa esfera, a ORMED-STP está engajada numa maior aproximação às suas organizações similares, de preferência da Língua Portuguesa, onde possamos encontrar mecanismos que simplifiquem o processo de formação, estágios e atividade científico-técnica entre os associados das diversas organizações.

É neste âmbito que a nossa participação no Xº congresso da CMLP, em Bissau, reveste-se de capital importância, uma vez que pretendemos reforçar os nossos laços seculares de amizade e solidariedade com os povos unidos pela mesma língua, interagir com aqueles que possuem mais experiência, mas também dizer que São Tomé e Príncipe tem muito a ser descoberto e potencializar esta busca pela descoberta nas nossas ilhas maravilhosas.

Dr. Celso V. N. Matos



Bastonário Ordem dos Médicos Cabo-verdianos

Resiliência a Sequelas da Pandemia da covid-19

Ansiosos perante a evolução da epidemia que enfrentamos há mais dois anos, continuamos a assistir dificuldades, a enfrentar constrangimentos e a registar desafios impostos pela pandemia da covid-19.

Não obstante aos avanços alcançados com a descoberta de vacinas contra a covid-19, de medicamentos que já provaram melhorar o quadro clínico e prognóstico dos doentes internados, da atualização crescente de guias e protocolos terapêuticos, de formação médica contínua e da literacia da população mundial sobre a exposição ao vírus, prevenção da doença e mecanismos de defesa contra a covid-19, constata-se que os casos continuam a surgir, os doentes continuam a falecer e, os países, as organizações e as comunidades médicas e científicas mundiais ainda não consideram finda a luta contra a pandemia.

Sem exceção, todos os países do mundo continuam convictos e esperançosos e têm manifestado interesse em pôr à prática iniciativas que promovam e reforçam a nossa proximidade e coesão científica através de partilhas e cruzamento de dados, para que realmente nas discussões

o conceito doente fosse considerado o centro das nossas atenções e, onde a pobreza, religião e nossa localização geográfica, o género, a cor e a raça, não fizessem parte de ajustes aos procedimentos de combate à uma doença que abalou o mundo e que deixou de joelhos sistemas de saúde considerados inabaláveis e modelos de montagem, construção e robustez económico-financeira mundial dos sistemas de saúde.

O mundo que atravessamos continua parecendo adotar um percurso difícil e imprevisível. Pois, constata-se que a pandemia da covid-19 cada vez mais está a provocar um aumento de níveis de pobreza e a ter um impacto forte na desigualdade entre os povos e nações, no emprego e na recuperação económica das nações. Apesar das medidas de proteção social emergenciais que países mais vulneráveis estão a adotar para o controlar, prevê-se um baixo crescimento económico, o aumento da pobreza, mais degradações e crescentes tensões sociais, sobretudo agora em que a guerra emerge na Europa. A ansiedade reinante entre as pessoas e os operadores económicos que, com o alívio transitório das tensões causadas pela pandemia se previa sanar e recuperar de vez, a incerteza vigente na consciência das pessoas, o desespero dos confinamentos, das interdições ao transporte e comunicações



continuam pendentes e a agonia a novas oportunidades continuam presentes nas nossas vidas e na nossa rotina profissional, pessoal e familiar.

Ao modelo dos estudos internacionais até agora realizados sobre a causa e efeito da pandemia da covid-19, esta também continua a estar longe de terminar no nosso continente africano. Pois, continua a lacuna de financiamento na preparação e resposta a emergências, e a covid-19 endêmica continua sendo a base das suas consequências, o que exigirá investimentos de longo prazo em infraestrutura de saúde nos nossos países.

À medida que os países mais desenvolvidos revertem medidas rígidas contra a covid-19 e já estão a elaborar programas que pretendem declarar o fim da pandemia para breve, os nossos países em África e suas organizações, sobretudo aquelas ligadas à saúde pública, também já estão a pensar, a demonstrar e a mudar sua atenção nesta direção. A vacinação continua a ser importante e a vigilância epidemiológica continua sendo parte integradora de excelência à eficácia e eficiência nos sistemas nacionais de saúde.

O Sr. Tedros Adhanom Ghebreyesus, Diretor-geral da Organização Mundial da Saúde, fez observações recentes de que provavelmente o mundo viverá para sempre com a covid-19 e salientou que “precisaremos aprender a gerenciar a covid-19 por meio de um sistema sustentado e integrado para doenças respiratórias agudas, o que irá fornecer à OMS uma plataforma de preparação para futuras pandemias”, em seu discurso ao conselho executivo da OMS.

A Ordem dos Médicos de Cabo-verde reconhece que, infelizmente, nem todas as partes do mundo estão se movendo no mesmo ritmo.

É de notar que em África, até meados de março de 2022, menos de 13% da população havia sido totalmente vacinada. Em um continente de 1,4 bilhão de pessoas, apenas cerca de 693 milhões de doses da vacina contra a covid-19 foram recebidas, com quase 40% dessas doses ainda não administradas ou a expirarem de prazo.

Para apoiar os países a superar a pandemia há necessidade de se adotarem medidas e soluções, de curto e longo prazo, e incorporar medidas resilientes nos pacotes de recuperação econômica mundial aos mais desfavoráveis. O futuro do comércio, migração, viagens, cadeias de suprimentos, crescimento econômico, educação, investigação e inovação em África continua limitado pela recuperação desigual da pandemia da covid-19.

Retornar ao “normal” exigirá um esforço verdadeiramente global para reduzir e mitigar a devastação que a covid-19 teve e continua tendo na saúde humana e financeira dos nossos países PALOP e em África. Pois, testemunhamos o surgimento de um mundo paralelo, mas divergente: os ricos e vacinados e os pobres e não vacinados. Além disso, nota-se que essa divergência nas taxas de vacinação, na intensificação das pressões fiscais, no aumento dos níveis de dívida e na recuperação econômica desigual nos nossos países se alistam entre os principais estrangimentos a ultrapassar e sequelas da pandemia da covid-19 a enfrentar.



Assim, é-nos claro de que temos de enfrentar esta pandemia com inovação e resiliência. Nossos países continuam ansiosos em ver uma África moderna, renovada, dinâmica e em ascensão. Além disso, esperamos que as medidas de resiliência e inovações tragam reflexões, otimismo e dinamismo e que a nossa Comunidade Médica de Língua Portuguesa seja e continue a ser o bastião da nossa união e um modelo de resiliência de consenso comum, de apoio e orientação à renovação e governação de um sistema de saúde sustentável na concretização da transformação econômica e política dos nossos países irmãos.

Com esta e todas as ferramentas possíveis, temos de capturar e definir as nossas principais prioridades oferecendo recomendações de apoio a uma recuperação forte, sustentável e bem-sucedida por meio de um diálogo envolvente e de

influência às políticas de saúde e de boas práticas ao desenvolvimento da nossa comunidade.

Finalmente, esperamos que estes subterfúgios a consequências da pandemia da covid-19 nos nossos países, e dentro da nossa comunidade lusófona, nos leve a políticas e estratégias sólidas que sustentem e expandam os benefícios do crescimento econômico para todos os povos da nossa comunidade.

O nosso encontro, de povos irmãos, no âmbito do X Congresso da Comunidade Médica de Língua Portuguesa, é por si só garantia do nosso constante diálogo e união. Bissau acolhe-nos e fica para memória futura como cidade capital que promoveu o regresso aos trabalhos presenciais, após tão duro e longo afastamento.

Danielson Veiga



Bastonário da Ordem dos Médicos de Moçambique

É com enorme prazer e sentido de pertença que a Ordem dos Médicos de Moçambique irá participar neste 10º Congresso da Comunidade Médica de Língua Portuguesa (CMLP). Este Congresso ganha maior importância numa altura em que se discutem os desafios e perspetivas dos cuidados de saúde profundamente afetados pela covid-19.

A Cidade de Bissau será por estes dias a capital da lusofonia, ao congregar mentes bri-

lhantes e decisores sobre a medicina e a saúde em geral.

Estamos, pois, confiantes que este Congresso irá abordar matérias de vital importância para a nossa comunidade, bem como apontar caminhos que possam fortalecer os cuidados prestados à população e aprofundar os laços que nos unem como comunidade.

Gilberto Manuel Manhiça



Presidente da Associação Médica de Moçambique

Estimados colegas da CMLP, sob o lema “Saúde lusófona pós-pandemia”, teremos o X Congresso da Comunidade Médica da Língua Portuguesa na Guiné-Bissau. Esta será a primeira vez que este país acolherá um evento desta natureza. O mês de maio de 2022 ficará para a história da medicina da Guiné-Bissau e da comunidade médica.

Será uma enorme oportunidade para rever os colegas após dois anos de pandemia e para partilharmos as experiências que adquirimos ao longo dos últimos anos. Vamos, em conjunto, traçar estratégias para melhorar a saúde dos nossos países. Para que os objetivos do congresso sejam alcançados, apelamos aos colegas que participem ativamente neste evento.

Milton Ussene Tatia



Associação de Médicos Luso-Venezuelanos

Da Academia à ajuda humanitária

A nossa associação foi criada com a finalidade de incrementar o intercâmbio científico na área da medicina com Portugal e os países de Língua Portuguesa, porém a crise humanitária vivida na Venezuela nos anos recentes, e de maneira mais crítica em 2018-2019, levou à necessidade de criar um plano de emergência para a atenção dos nossos imigrantes.

Para termos uma ideia da dimensão desta crise, só irei expor dois números: 6 milhões de refugiados venezuelanos no mundo (952.246 solicitudes de asilo pendentes, março de 2022); e inflação em 2018 superior a 130 mil%.

O projeto de parceria da Associação dos Médicos de Origem Luso-Venezuelanos (ASOME-LUVE), por meio da Rede Portuguesa de Assistência Médica e Solidariedade para a Venezuela, em parceria com a ONG Assistência Médica Internacional (AMI), assistiu mais de 340 pacientes em seus três locais de consultas médicas

localizadas em Caracas, Valência e Barcelona.

A Rede Portuguesa de Assistência Médica e Solidariedade para a Venezuela, além de oferecer atendimento médico em consultórios particulares (privados), pagou tratamentos parciais ou totais em doenças crônicas com cobertura de tratamento, assim como também exames médicos, terapias ambulatoriais e com pagamento parcial ou total de tratamentos oncológicos.

Os novos tempos têm trazido crises que não esperávamos e as Associações científicas não podem ficar só na Academia, quando é preciso dar ajuda aos que mais precisam.

Dessa forma, deixamos a nossa mensagem, com esperança, pelo nosso futuro comum e porquanto possamos participar e apoiar a nossa Comunidade Médica de Língua Portuguesa, que por estes dias se reúne na capital da República da Guiné-Bissau para pensar em conjunto o futuro da Saúde Lusófona no pós-pandemia,

Um abraço a todos e votos de bom trabalho!



Aderito de Sousa
Presidente



Juan Alberto Marques
Presidente fundador e Secretário
de Relações Internacionais



Diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Portugal

Capacitação e Desenvolvimento do Capital Humano em Saúde

A pandemia, que ainda estamos a viver, veio nos mostrar a enorme importância de sistemas de saúde fortes, cuja robustez assenta, em grande parte, na existência dum capital humano bem treinado e motivado para responder eficazmente aos desafios levantados por crises de saúde, como está a ser o caso da pandemia de SARS-CoV-2.

Neste contexto, é com muito bons olhos que vejo a iniciativa da Comunidade Médica de Língua Portuguesa (CMLP), a propósito do X Congresso da CMLP, de discutir o tema da “Capacitação e Desenvolvimento do Capital Humano em Saúde”. Parece-me ser extremamente oportuna esta discussão, no âmbito da comunidade lusófona, num espírito de colaboração mútua, na procura de soluções que possam reforçar o papel dos profissionais de saúde na consolidação dos sistemas de saúde, essenciais para a implementação de sistemas que possam responder eficazmente aos desafios cada vez mais complexos que as nossas sociedades enfrentam.

A formação e educação médicas assumem, pois, um papel essencial, devendo ser devidamente acarinhadas e desenvolvidas, de forma a

que a formação dos futuros profissionais se faça de forma consistente, de acordo com os standards mais avançados e modernos. Assume ainda papel essencial, a promoção de formação contínua, por meio da criação de modelos que permitam o acesso dos profissionais a ações formativas diferenciadas.

É aqui que a existência de uma comunicação aberta dentro da CMLP pode assumir um papel de grande relevância, que poderá ir desde as fases mais iniciais da formação até modelos de Educação Médica Contínua. Seria ainda muito interessante a criação de projetos comuns, envolvendo a CMLP, que permitissem o acesso a programas de formação e capacitação, reforçando, assim, o avanço da formação médica no espaço lusófono.

A Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa está totalmente aberta a uma colaboração forte neste esforço comum, disponibilizando-se para o que for entendido como necessário para implementar programas de formação e de educação médica no espaço da CMLP, com vista à capacitação e desenvolvimento do capital humano em saúde.

Fausto J. Pinto



Bastonário da Ordem dos Médicos de Portugal 2011 a 2017

A Comunidade Médica de Língua Portuguesa constituiu uma das mais intensas e gratificantes experiências do exercício das minhas funções de bastonário da Ordem dos Médicos de Portugal.

As diferentes realidades de cada país estavam e estão unidas por inquebrantáveis elos (e problemas) comuns. Não é só a língua, são também as características de personalidade, a história, a profundidade da cultura e as origens que nos unem.

Angela Dutra de Menezes, num delicioso livro, definiu “O Português que nos pariu” como uma salada genética de homens pré-históricos, lusitanos e outros povos indígenas, celtas, romanos, diversas tribos bárbaras, mouros, judeus e múltiplos cristãos. Hoje, todos fazemos parte dessa mesma heterogeneidade, que se foi misturando e enriquecendo prazerosamente com os genes

dos povos dos quatro cantos do mundo por onde navegamos intrepidamente.

A comunidade médica é uma comunidade que devemos continuar a acarinhar, trabalhar e desenvolver. Cumprirá aquele que será talvez o seu maior desígnio, quando os médicos de Língua Portuguesa puderem circular livremente entre todos os países falantes da língua de Camões, Fernando Pessoa, Mia Couto, Jorge Amado, Pepetela etc., sem barreiras nem restrições artificiais. Somos tod@s membros da mais bela salada genética que vive neste extraordinário e único planeta Terra.

José Manuel Silva

Médico de Medicina Interna



Presidente do Conselho de Administração Hospital da Senhora da Oliveira – Guimarães

Muito me apraz registrar, o enorme prazer de confirmar o papel relevante que o Hospital Senhora da Oliveira de Guimarães tem vindo a ter de forma continuada e consistente na colaboração com a República da Guiné-Bissau. Há mais de duas décadas que o nosso Hospital tem vindo a desenvolver parcerias de formação profissional em distintas áreas de especialidade, nomeadamente na Anestesiologia, Obstetrícia, Pediatria, Neonatologia, Pneumologia por meio da disponibilidade de equipamentos e de profissionais enfermeiros e médicos, bem como de protocolos científicos das respetivas áreas de especialidade. Ao longo dos anos vem o Hospital de Guimarães disponibilizando múltiplos profissionais de saúde, como voluntários, em deslocações temporárias à Guiné-Bissau, tentando dar o seu melhor para dar resposta a projetos nas áreas de saúde mais carenciadas.

É neste contexto de cooperação, nomeadamente nas áreas da mulher e da criança, que nos sentimos orgulhosos de termos profissionais a poder contribuir no âmbito das suas competência e possibilidades, para os bons resultados nos cuidados pediátricos e obstétricos na República da Guiné-Bissau. Falamos de profissionais que deram muito do seu tempo e da instituição, em defesa de causas humanitárias e projetos concretos, sobretudo na saúde infantil e obste-

trícia, na área anestésica e cirúrgica. Destaco ainda formação teórica e prática de profissionais de saúde guineenses, pela via da receção de alunos estagiários, de medicina e enfermagem, para além da disponibilidade de campos de estágio para o desenvolvimento científico e profissional nas áreas de especialidade referidos.

Permitam-me que manifeste aqui, também o meu regozijo pela recente visita ao nosso Hospital, de Sua Ex^a o Senhor Ministro da Saúde da República da Guiné-Bissau Dr. Dionísio Cumba, acompanhado do Sr. Cônsul da Guiné Bissau no Porto, Dr. José Manuel Pavão, visita essa que ficou marcada pela assinatura de um Memorandum de Entendimento entre o Ministério da Saúde da República da Guiné e o Hospital de Guimarães, que se espera seja o alicerce de uma nova e robusta arquitetura nas relações de cooperação entre as duas entidades referidas, em prole da saúde e bem estar das gentes da Guiné-Bissau.

Que a minha presença neste Congresso possa vir a constituir um marco histórico nas nossas relações, que, acreditamos, serão cada vez mais profundas e duradoras no âmbito duma colaboração que todos desejamos que seja a mais profícua.

Henrique Capelas



Coordenador da Comissão Temática da Saúde e Segurança Alimentar e Nutricional dos Observadores Consultivos da CPLP

Num mundo que se prepara para viver uma fase pós-pandêmica em breve – assim esperamos –, é crucial fortalecer os cuidados de saúde primários (CSP), articulando-os com os demais níveis de atenção à saúde, na perspectiva de uma rede que seja capaz de responder às necessidades de saúde da população.

As estatísticas apontam fortemente para as preocupações com a repercussão da pandemia da covid-19 sobre os portadores de condições crônicas, o que se soma àqueles que permanecerão com sequelas importantes causadas pelo novo coronavírus, exigindo, assim, uma maior capacidade de organização dos sistemas de saúde, com especial destaque para os CSP. Assim, se em 2008, o Relatório da Organização Mundial de Saúde tinha por título “Cuidados de Saúde Primários: agora mais que nunca”, o tema adquire um tom imperativo ainda maior.

É importante assinalar que, após um longo período de discussões, foi possível incluir no Plano Estratégico de Cooperação em Saúde (2018-2021) o fortalecimento dos cuidados de saúde primários no âmbito dos países de Língua Portuguesa, graças à participação ativa do Instituto de Higiene e Medicina Tropical da Universidade Nova de Lisboa, do Conselho Nacional de Secretários de Saúde do Brasil, com o apoio da Fundação Oswaldo Cruz e dos demais observadores consultivos da CPLP que integram sua Comissão Temática da Saúde e Segurança Alimentar e Nutricional.

Para tanto, há que se buscar a conjugação de investimentos estruturais (sistemas de informação; financiamento oriundo dos orçamentos públicos; boa capacidade gestora e reguladora dos Estados; rede assistencial com condições materiais adequadas) com a formação, a retenção e a educação permanente dos recursos humanos em saúde. Cabe também referir que o intercâmbio, a partilha de conhecimentos e experiência, nomeadamente a utilização da telemedicina e o apoio mútuo entre os Estados-Membros da CPLP e, até mesmo, dos países associados, têm grande relevância na perspectiva do desenvolvimento planejado dos sistemas nacionais de saúde e no incremento das ações de prevenção de doenças, promoção da saúde e combate sistemático às desigualdades. Estas, como se sabe, têm forte impacto sobre o nível de saúde das pessoas e, conseqüentemente, sobre o funcionamento e sustentabilidade dos sistemas de saúde.

Espera-se que, vencidos os entraves decorrentes da emergência sanitária internacional, possamos nos debruçar sobre esse trabalho, de modo a ampliar o acesso universal dos cidadãos de nossos países à saúde, contando sempre com a participação da Comunidade Médica de Língua Portuguesa.

Fernando P. Cupertino de Barros
MD, MSc, MA, PhD



Professor Catedrático da Universidade do Porto

O Globês: O Português Global e Multicultural

Introdução

A Língua Portuguesa, na sua diversidade, é o mais potente agente unificador do mundo da lusofonia. É um fator que contribui decisivamente para a riqueza da nossa cultura, sendo, no passado como no futuro, um fator aglutinante de povos que, por meio da língua, partilham a mesma visão do mundo. De fato, a partir dos séculos XV e XVI, a Língua Portuguesa revolucionou a cultura compartimentada de diferentes povos e civilizações. E na esteira de uma consciência planetária gerada por Portugal ao longo dos últimos séculos, tem agora lugar uma nova era de globalização fortemente promovida pela diáspora da língua e da cultura portuguesas um pouco por todo o mundo. Esse fato ajuda a que a Língua Portuguesa se fale hoje em todos os continentes e que os povos lusófonos sintam um apelo para uma cooperação cada vez mais intensa. O surgimento da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) é talvez o exemplo mais candente dessa evolução.

Neste artigo sugere-se que a Língua Portuguesa, nas suas múltiplas facetas identitárias, deve ser considerada não apenas como instrumento de promoção da cultura portuguesa, mas,

também, como uma forma de agregar e consolidar os povos da lusofonia. Ou seja, pretende-se contribuir para uma trajetória de afirmação da nossa língua face à harmonização cultural e linguística determinada pela hegemonia anglo-americana, criando novas e vibrantes formas de cooperação nos mais diferentes domínios da atividade humana.

Globalização, Cultura e Lusofonia

A cultura humana pós-moderna caracteriza-se por determinados contornos que a distingue de outros modelos culturais, predominantes até o século passado, características que marcam decisivamente o início do novo milênio. Importa salientar, enquanto fenómeno transversal à globalização, a evolução científico-tecnológica e o acesso ao conhecimento verificado ao longo das últimas décadas. De fato, nessa Aldeia Global e, de acordo com Marshall McLuhan (1989), existe algum “determinismo tecnológico”, dado que a acessibilidade generalizada a instrumentos comunicacionais, como a televisão, a internet, o correio eletrônico e as redes sociais, mudaram substancialmente o espaço geográfico do nosso planeta, reduzindo-o à dimensão de uma pequena aldeia. Como refere Conceição Nunes (2001, p. XX), “Ao desejar criar uma comunidade universal da humanidade baseada na razão, a sua axiologia privilegiou o processo



de comunicação, a sua dinâmica moral revestiu a forma de defesa da civilização dos perigos do irracional, e a sua ontologia, o foco da sua visão do mundo, era a recuperação do processo poético, tanto o método histórico da reconstrução dos meios de comunicação de massas e o “milagre” através do qual a sociedade tecnológica foi novamente iluminada”.

Transpõe-se, assim, a ideia seminal de Einstein, de que não apenas o tempo, mas, também, o espaço estão eivados de relatividade moldada pela consciência pessoal e pelo comportamento humano. Essa relatividade vê-se acentuada na era eletrônica que contribui decisivamente para a globalização cultural e, desse modo, para uma maior igualdade entre os cidadãos. O livre acesso à informação em qualquer ponto da planeta é, provavelmente, o melhor contributo que a sociedade do conhecimento e da informação pode dar para uma verdadeira igualdade de oportunidades transcultural. E, portanto, para a construção de uma sociedade plural.

Mais ainda, a evolução científica mudou a relação do homem com a sociedade de um modo absolutamente radical (Portocarrero, 2003). De uma perspectiva reflexiva e contemplativa, a ciência e a tecnologia dela decorrente permitem ao homem uma intervenção direta no seu destino, devendo a sociedade garantir que o ser humano é um fim em si mesmo, na sequência de um valor que lhe é intrínseco e, portanto, autorrealizador (Archer, 2006). A tecnociência deve, então, construir a autonomia da pessoa e, não, a sua instrumentalização. Ou seja, é em um contexto de explosão do conhecimento e de rápido e fácil acesso a esse conhecimento que o modelo de desenvolvimento cultural – e, portanto, social, econômico e

político, da sociedade plural – se debate com o consumo ilimitado dos benefícios decorrentes desse conhecimento. Essa cultura baseada no conhecimento está intimamente relacionada com a satisfação das necessidades básicas dos cidadãos, o que implica que o conhecimento científico seja continuamente revisitado sob o olhar atento da sociedade que, de uma ingenuidade passiva no passado, assume no presente uma postura pró-ativa não apenas de crítica e escrutínio, mas de parceria construtiva sobre o modelo de sociedade que deseja para as gerações futuras. E, por maioria de razão, o conhecimento científico abre novos horizontes, tal como o mito do controlo do envelhecimento (Fukuyama, 2002) ou da imortalidade do ser humano (Nunes, 2015a).

Na ausência de barreiras fronteiriças no sentido tradicional, esse mercado das ideias é o responsável pela harmonização cultural a que hoje se assiste (bem como da homogeneidade linguística) e que, à escala global, aproxima os povos e derruba valores ancestralmente defendidos. Esse enquadramento cultural tende a complexificar-se quando distintas gerações tendem a conviver ao longo de décadas, devido à transição demográfica verificada nas sociedades ocidentais. A transição demográfica deve-se, no essencial, à quebra acentuada da taxa de natalidade (devida a fatores sociais e econômicos) e ao aumento da esperança de vida média da população nas sociedades desenvolvidas, fruto da tecnologia biomédica e da melhoria substancial da qualidade de vida dos cidadãos. Antevê-se que essa inversão da pirâmide demográfica tenha um profundo impacto não apenas nos sistemas de proteção social de todos os países desenvolvidos, mas, sobretudo, no modelo de sociedade que coletivamente desejamos (Nunes, 2014).



Essa trajetória de globalização alavancou-se numa língua quase universal – o Globish (Global English) –, com as vantagens e inconvenientes de uma crescente harmonização linguístico-cultural. Também o Inglês encerra uma dimensão afetiva, axiológica, política, e cultural bem vincada, pelo que a Aldeia Global convergiu em diferentes domínios amenizando diferenças culturais e sociológicas ancestrais. O paradoxo é que esse fenómeno global ao permitir um desenvolvimento económico sem precedentes de sociedades tradicionalmente menos desenvolvidas (de que a China e a Índia são um bom exemplo) tornou-se numa oportunidade única para que outras centralidades geopolítico-culturais se possam afirmar planetariamente. Desde logo, a lusofonia.

Existem diferentes contextos nos quais a lusofonia pode ser um agente de transformação da sociedade global. Para além, naturalmente, do ambiente político e económico onde as relações multiculturais se fazem sentir com especial incidência e acuidade. Por exemplo, no âmbito da inovação cultural e das indústrias criativas, a reatividade deve dar origem a uma postura pró-ativa em homenagem a programas ambiciosos que pretendam projetar a lusofonia num mundo globalizado, com cada vez maior oferta cultural (Nunes, 2015b). Por meio de uma aposta clara no reforço das ligações aos países de Língua Portuguesa será possível criar novas realidades culturais. É importante que se desenvolvam projetos emblemáticos de modo a causar um impacto real no universo cultural das sociedades lusófonas. Por exemplo, a criação de uma Rede Lusófona da Contemporaneidade (artes plásticas) ou projetos de apoio a jovens talentos, são exemplos de inovação cultural e

de empreendedorismo nesse setor. Também o desenvolvimento de roteiros históricos ou de itinerários culturais seriam excelentes momentos de inovação cultural (Nunes, 2012). Ou, por outro lado, e no plano da difusão de valores humanistas e democráticos, a proposta de criação e desenvolvimento de uma “Bioética Lusófona” vai ao encontro dessa necessidade de partilha de um modelo comum de sociedade (Nunes, 2016a).

Isto é, a Língua Portuguesa no quadro mais vasto da lusofonia apresenta um enorme potencial de desenvolvimento futuro dado que:

- a. Os povos que falam o Português apresentam uma grande simbiose cultural, apesar dos diferentes fenómenos migratórios envolvidos (Nunes, 2013);
- b. A semelhança cultural e a comunhão de propósitos tornam especialmente ágil a cooperação em matéria de ciência, investigação e desenvolvimento (Nunes, 2015c). De facto, essa cooperação deu-se espontaneamente em diferentes domínios científicos e tecnológicos ao longo das últimas décadas, promovendo um intercâmbio científico sem precedentes. Por exemplo na medicina;
- c. Fruto de uma tradição com cinco séculos de história e sendo tradicionalmente o português uma língua de cultura e de diplomacia, as relações económicas e comerciais tendem a desenvolver-se com naturalidade, apesar das enormes distâncias geográficas envolvidas. A geografia lusófona pode mesmo tornar-se num verdadeiro mercado comum enquadrado



com as relações econômicas e políticas já existentes entre os seus membros constituintes (União Europeia e Mercosul por exemplo);

- d. A Língua Portuguesa gera nos seus falantes uma empatia natural, uma identificação afetiva instantânea, subconsciente, e altamente mobilizadora, o que facilita as relações intersubjetivas entre pessoas e comunidades e promove o desenvolvimento de relações de confiança (Goleman, 1995);
- e. Também no plano dos valores, os ideais que estão na base da criação das sociedades democráticas e plurais (Comunidades Europeias, 2003), fundadas num humanismo secular e libertador, aproveitam esse fulgurante canal de comunicação para moldar uma visão do mundo e da sociedade. A enorme semelhança dos textos constitucionais dos países que integram a CPLP é um bom exemplo.

Língua, Ortografia e Cultura Lusófona

É nesse contexto de globalização que se deve reequacionar o papel da Língua Portuguesa como instrumento de assimilação e de integração culturais. E ainda como fator de promoção e de extração científica. Mais ainda, seria importante que a visão de uma sociedade plural e secular, onde a liberdade ética é especialmente protegida nas suas múltiplas dimensões, fosse uma perspectiva cabalmente partilhada no espaço intelectual de Camões e de Fernando Pessoa, mas também de Machado de Assis e Jorge Amado ou mesmo de José Eduardo de Agualusa, ajudando, assim, a construir uma verdadeira cultura lusó-

fona. Cultura lusófona como mundivisão, como modelo de sociedade e como espaço de respeito e de tolerância (Nunes, 2015c; Rawls, 1971).

Como refere Lauro Moreira, “verifica-se que o uso comum de uma língua – que oficialmente completa agora oito séculos de vida – aliada a uma convivência de vários povos ao longo de cinco séculos, formando um patrimônio histórico, étnico e cultural comum, acabou por conformar não apenas um espaço lusófono, mas sobretudo um espírito lusófono, que leva igualmente em conta aspetos psicossociais extremamente relevantes” (Moreira, 2014). Também Isabel Mourão defende essa visão universalista e intemporal da língua portuguesa ao sugerir que “A escrita da Língua Portuguesa está de parabéns, não só pela sua já longa existência de oito séculos, mas também por ter servido de matriz para a transcrição fonética de uma outra língua do extremo oriente, há quatro séculos” (Mourão, 2015). São bem conhecidas as influências do português, por exemplo, no japonês e no vietnamita o que denota bem a preponderância cultural que a Língua Portuguesa tem e continuará a ter.

Ou seja, e como referem, aliás, Rui Garcia e António Cunha, “naquele tempo, século XVI, Portugal tinha um significado tendencialmente universal e universalista. Hoje vivemos na periferia da importância política, mas nem sempre foi assim, nem terá de ser assim para sempre. Utopia? Talvez, mas utopia é ao mesmo tempo lembrança e desejo” (Garcia, 2016). De fato, a língua portuguesa foi sempre um espantoso veículo do diálogo intercultural. Do Padre António Vieira a Fernão Mendes Pinto, de Gil Eanes a Vasco da Gama, passando por Pedro Álvares Cabral esse enorme projeto de civilização e cultura tem um potencial inesgotável, estimando-se que em 2050 existam cerca de 400 milhões de



falantes lusófonos. Mesmo no âmbito das novas tecnologias de informação e comunicação o português é já, hoje, a terceira língua mais utilizada no facebook e no twitter e 4% da riqueza mundial está já associada ao espaço da lusofonia.

É nesse contexto que se deve apreciar a atual controvérsia sobre a proposta, os fundamentos e a implementação de um acordo ortográfico entre os povos da lusofonia. Os críticos referem-se a diferentes argumentos técnicos relacionados essencialmente com o desvirtuamento das suas origens latinas e também com a alteração da memória afetiva que diferentes gerações construíram em torno da sua língua-mãe (Valente, 2016). Invoca-se também a ausência de razões plausíveis para a sua adulteração, colocando em cheque a natureza identitária da nossa língua e do nosso povo (Pereira, 2016).

Porém, numa visão de futuro, a seu tempo universalista e com enorme ambição e a fundada esperança, importa determinar qual o custo de oportunidade de cada uma das alternativas. E, se para o espaço da lusofonia em geral, e para Portugal em particular, vale ou não a pena investir nessa trajetória de harmonização ortográfica. Ou seja, importa responder à questão nuclear sobre o que é que o português global pode significar para a afirmação da nossa cultura e da nossa identidade coletiva nos séculos vindouros. Importa olhar para a importância do português numa perspetiva histórica, mas com futuro e determinar se este é ou não o nosso desígnio coletivo.

É certo que o espaço lusófono tem uma geometria muito variável e a sua importância relativa é largamente dependente dos ciclos económicos (Programa da Nações Unidas para

o Desenvolvimento, 2010), bem como de diferentes condicionantes geopolíticos. Na sua base existem também regimes político-ideológicos muito diferentes com ritmos de construção da democracia muito variáveis. Mas, idealmente, a própria língua poderá servir de promoção dos ideais da democracia, da justiça e da igualdade, ou seja, do estado de direito democrático (Naudet, 1992). Garantindo sobretudo aos mais jovens um direito a futuro aberto enquanto direito a usufruir de uma sociedade que lhe garanta à partida uma oportunidade efetiva de autorrealização e de concretização plena dos seus talentos e capacidades (Feinberg, 1980). A Língua Portuguesa encerra em si mesma esse potencial de ser a língua dos direitos humanos e da democracia, pelo movimento ético-social a ela associado (Nunes, 2022).

Percebe-se que, concebendo um mundo lusófono de proximidade, existe uma tendência para a uniformização gráfica e que essa trajetória é importante, quiçá fundamental, em domínios menos explorados da cooperação internacional lusófona, como a ciência, a medicina, as humanidades, a cultura ou o direito.

É nesse contexto evolutivo que se deve agora projetar a evolução linguística do português, essencialmente na sua componente ortográfica. Note-se que a questão não é nem recente nem pacífica. Como referia, aliás, Lindley Cintra, já em 1986: “Pode e deve, pois, considerar-se indispensável e urgente que se chegue a um verdadeiro e eficaz acordo sobre tal matéria, ainda que para isso haja que sacrificar preconceitos e hábitos há muito adquiridos, os quais poderão causar uma inicial e compreensível estranheza perante uma ou outra das medidas a adotar. Além da extrema conveniência de ordem prática, deve pesar-se



nessa decisão que, sendo a grafia secundária em relação à oralidade e sendo uma representação sempre meramente convencional desta, não é mais nem menos científica uma grafia simplificada, em que se renuncia a certos hábitos gráficos apoiados numa tradição mais ou menos longa, do que uma grafia dita etimológica, a qual, além disso, para o ser efetiva e coerentemente, exigiria o regresso puro e simples a outros hábitos há muito abandonados” (Cintra, 1986, p. XX).

Ou seja, parece depreender-se das palavras da autora que o Português, como qualquer outra língua, aliás, não é uma realidade estática, bem pelo contrário, e que a convergência de diferentes grafias no espaço lusófono deve ser encarada com a naturalidade com que essa evolução se deu desde o século XV, com a tomada de Ceuta. Também Maria Helena Mateus se refere à importância da unificação da escrita e da simplificação de diversas grafias com óbvias vantagens face aos potenciais inconvenientes (desde logo a supressão das consoantes mudas) (Mateus, 2016). Ou seja, a existência de harmonização gráfica não implica a mesma forma de falar, mas apenas a existência da mesma ortografia.

Mais ainda, essa trajetória parece ser irreversível porquanto as novas gerações, pelo menos de portugueses, já estão formatadas de acordo com as novas regras ortográficas. Os livros escolares e outros materiais didáticos seguiram o mesmo curso, e as publicações acadêmicas elaboradas entre os diferentes membros da comunidade lusófona apresentem uma harmonia tal que a escrita, ainda que não a língua, permitem convergências e aproximam os povos como nunca ocorreu anteriormente.

Isto é, no “continente em miniatura” que é Por-

tugal, nas palavras de Guilherme d’Oliveira Martins, é verdade que existem diferentes cânones linguísticos, por exemplo os eixos Coimbra-Lisboa e Guarda Viseu bem como as típicas pronúncias do Algarve, do Minho ou do Alentejo, não esquecendo a Madeira e os Açores, ou mesmo as pronúncias da imensa diáspora um pouco por todo o planeta (Martins, 2016). Mas essa diversidade não implicou nem deve implicar que não se persiga uma substantiva unidade no que é essencial: uma trajetória de convergência para o mundo lusófono.

Considerações Finais

A Língua Portuguesa é instrumental em domínios tão diferentes como a medicina, a cultura, a educação, a política ou a cooperação econômica de povos tão distanciados entre si quanto a diáspora portuguesa. De fato, e para além naturalmente de Portugal, Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe ou Timor-Leste, o português impõe-se paulatinamente no espaço virtual da sociedade global e reforça o sentido identitário e de pertença a uma comunidade com oito séculos de história. Por exemplo em Macau, o português partilha com o mandarim o estatuto de língua oficial. A Língua Portuguesa, ainda que declinada com diferentes acentos e musicalidades, afirma-se progressivamente e dispõe de um potencial dificilmente perceptível por muitos de nós.

E se é verdade que a Língua Portuguesa foi sempre um espaço de cultura, deve transformar-se num vastíssimo espaço de encontro.

Espaço de cultura pela riqueza das suas tradições, pela criatividade dos seus artistas e pela nobreza das suas gentes. Pelo modo como diferentes povos conviveram historicamente em



constante sobressalto, mas reinventando-se a si próprios e estimulando de um modo frenético os sentidos e alma das suas gentes.

Mas, também um espaço de encontro. De encontro entre diferentes povos, entre diferentes gerações, entre diferentes mundivisões. Essa dimensão cosmopolita da nossa língua deve-se a diversos fatores, sendo de realçar a qualidade dos diferentes agentes culturais, que muito dignificam a lusofonia, mas também a atitude dos seus falantes e a força das suas instituições (Nunes, 2016b). Mas, a língua não é um fenómeno estático e, para que as gerações futuras possam fruir adequadamente da cultura lusófona, é necessário atingir-se um patamar desenvolvimental bem consistente. Deve fomentar-se, portanto, o

empreendedorismo dos seus agentes e o aparecimento de novos talentos que reforcem ainda mais alma de esta cultura eterna.

Em suma, na sociedade global que hoje presenciemos, unidos não apenas por uma economia mundializada, mas, também, por um vasto elenco de direitos humanos fundamentais, as novas centralidades geopolíticas que surgem à escala global terão como fator emancipatório e gerador de diversidade precisamente a sua língua. A língua como fator identitário, já não apenas de um povo, mas, sim, de uma comunidade à escala global.

Rui Nunes



Gabinete de Diplomacia da Ordem dos Médicos de Portugal e apoio à Secretaria Permanente da CMLP

Um Espaço Comum

A ter lugar na prazerosa cidade de Bissau, reúne-se a Comunidade Médica de Língua Portuguesa (CMLP) sob o lema: Saúde Lusófona no pós-pandemia, no seu X Congresso.

Devemos, em primeiro lugar, destacar o forte simbolismo e motivação na organização deste encontro da nossa comunidade médica, que consagra na Língua Portuguesa o seu maior bem

comum. Sabemos que, para além do importante esforço da proximidade e união entre as Ordens e Associações Médicas, a CMLP está determinada a construir um futuro de mobilidade, cooperação técnica, assistencial e de educação, responsável e com valor, pela promoção de uma Saúde Lusófona.

O período vivido perante uma pandemia, e que nos levou a um afastamento forçado, foi também prova da necessária convivência e permanente diálogo entre povos irmãos e uma comunidade que



se quer cada vez mais coesa e integrante.

As circunstâncias pós-pandemia tem sido motivo de reflexão em distintos fóruns e debates, razão suficiente para que o futuro médico seja também motivo de análise entre os líderes da CMLP.

Recentemente, o relatório “O clínico do futuro”, da Elsevier, consta que os médicos estão perante vários desafios, tais como cuidar de uma população em crescimento e a envelhecer, necessidade constante de atualização em informação médica e tecnológica e capacidade de resposta a utilizadores de serviços de saúde mais capacitados. Apon-ta também que os profissionais de saúde preveem uma significativa diminuição de mão de obra de

médicos e enfermeiros, que mais de 50% irão usar ferramentas tecnológicas e Inteligência Artificial para decisão clínica e concordam que os cuidados de saúde transitarão para serviços domiciliários.

A mudança está diante de nós, torna-se assim imperativo discutir, pensar e reconstruir os nossos canais de relação, cooperação e solidariedade.

Bissau, cidade capital, é por estes dias local de acolhimento e porta aberta para reconstruir um futuro unido, transformador e de verdadeiros laços que definem este nosso espaço comum.

Francisco Pavão

Médico, especialista em saúde pública



**Diretor de Cooperação do
Secretariado Executivo da CPLP**

Já sabemos que o vírus da covid-19 deixará feridas mais profundas nos contextos de menor desenvolvimento e vulnerabilidade, como são aqueles dos nossos países africanos.

As iniquidades provocadas pela pandemia nesses contextos são muito visíveis, tocam no nosso dia-a-dia, e não podem deixar ninguém indiferente. É por isso urgente continuar a debater um desafio que vem do passado, que se ente no presente e que se poderá exponenciar no futuro. E por isso quero saudar vivamente a Comissão Organizadora do X Congresso da Comunidade Médica de Língua

Portuguesa (CMLP) e as competentes autoridades da Guiné-Bissau, nomeadamente o Senhor Ministro da Saúde, pela realização de mais um Congresso dos Membros das Ordens dos Médicos de Língua Portuguesa, cuja iniciativa reputo como da maior relevância para a sistematização de um debate que se pretende cada vez mais informado e comprometido, sobre temas absolutamente essenciais para o futuro da saúde pública no espaço da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

Manuel Clarote Lapão



Bastonário da Ordem dos Médicos de Portugal (1999-2004)

A comunidade médica de língua portuguesa

Em 9 de Fevereiro de 2005, os representantes máximos das Ordens e Congêneres de todos os países de Língua Portuguesa assinavam, em cerimônia pública na Fundação Calouste Gulbenkian, o Protocolo Geral de Cooperação, em que, considerando as ligações históricas, culturais e linguísticas, que unem os respectivos povos e a crescente circulação de médicos entre uns países e outros, conscientes das diferenças existentes em termos de formação profissional médica e procurando consolidar as relações de amizade e solidariedade, ressalvadas as especificidades de cada um dos povos, constituíram a Comunidade Médica de Língua Portuguesa.

Assinaram o Protocolo (por precedência alfabética), a Ordem dos Médicos de Angola, representada pelo bastonário, dr. João Bastos, a Ordem dos Médicos Cabo-Verdianos, representada pelo bastonário, dr. Luís Leite, a Ordem dos Médicos de Portugal, por mim representada na qualidade de seu bastonário, a Ordem dos Médicos de S. Tomé e Príncipe, representada pelo conselheiro do bastonário, dr. Frederico Sequeira, o Conselho Federal de Medicina do Brasil, representado pelo seu presidente, dr. Edson de Oliveira

Andrade, a Associação Médica Brasileira, representada pelo seu presidente, dr. Eleuses Vieira de Paiva, e a Ordem dos Médicos de Moçambique, então ainda Associação Médica de Moçambique, representada pelo presidente, dr. Momedo Rafico Bagus.

Como é evidente, o Protocolo não surgiu por milagre. Resultou antes de um esforço grande. Começou pelo menos três anos antes do momento da sua assinatura. As reuniões iniciais ocorreram na Ordem dos Médicos de Portugal. Por iniciativa minha promovi a primeira reunião com o Dr. José Luís Amaral, então presidente da Associação Paulista de Medicina, e depois, mais tarde, presidente da Associação Médica Brasileira e, depois, presidente da Associação Médica Mundial. Este médico brasileiro, de origem açoriana, aderiu à minha ideia e foi, desde o início um dos grandes entusiastas do projeto e muito me auxiliou na sua prossecução, integrando no grupo de trabalho o dr. Edson de Oliveira Andrade, na sua qualidade de presidente do Conselho Federal de Medicina (CFM) do Brasil. Depois, com entusiasmo idêntico, juntaram-se a nós o dr. João Bastos, bastonário da Ordem dos Médicos de Angola, e o dr. Luís Nobre Leite, bastonário da Ordem dos Médicos de Cabo-Verde.



As reuniões prosseguiram em Portugal e no Brasil, em Angola e em Cabo-Verde. Eu mesmo me desloquei a Moçambique, onde tive a possibilidade de, na Associação dos Médicos de Moçambique, obter a sua adesão ao projeto da Comunidade.

A razão que nos levou, as Ordens dos Médicos e organismos congêneres dos países de Língua Portuguesa, a criar uma comunidade que refletisse a secular amizade que existe entre os povos que representam, a ética universal da medicina e o direito dos cidadãos a uma medicina de qualidade, consubstanciou-se na prossecução de uma política comum de cooperação no domínio científico e profissional, nomeadamente quanto à formação médica, na definição da deontologia profissional e nas condições do exercício técnico da medicina.

Aqui registro as palavras que então proferi, aquando da cerimónia de assinatura do Protocolo, as quais traduzem, em meu entender, o sentimento comum que uniu os colegas dos diversos países que o assinaram: “Deus quer, o homem sonha a obra nasce, assim o disse Fernando Pessoa, o poeta da Mensagem, para quem a sua pátria era a Língua Portuguesa. Assim também todos os que aqui representam as classes médicas dos países aqui representados sonhamos esta Comunidade Médica da Língua Portuguesa que, fazendo jus aos laços históricos, culturais, linguísticos e até genéticos que nos unem, fizemos hoje nascer oficializando-a neste Protocolo que assinámos, o qual corporiza esta

vontade de unidos sermos mais e maiores, de unidos podermos constituir uma voz nos areópagos médicos internacionais, de unidos podermos debater os problemas profissionais científicos e éticos dos médicos dos nossos países e criar melhores condições para uma interajuda fraterna, que abranja aspectos vários como a formação e a regulação da Profissão.

A nossa língua será no futuro um dos poucos idiomas que a par do Inglês prevalecerá a nível mundial. Justo era, pois, criar condições para que a medicina de Língua Portuguesa também assim prevalecesse. Foi isso que viemos paulatinamente preparando e todos nos sentimos orgulhosos de ter conseguido esta união. Uso a palavra em nome e por delegação de todos os representantes médicos dos países de Língua Portuguesa aqui presentes, o que muito me honra. Porém, melhor que as minhas palavras, o conteúdo do Protocolo que hoje outorgamos explica o que pretendemos e para onde queremos seguir.

No entanto, eu sintetizaria todo este conjunto de vontades e o conteúdo do que assinaremos, num único parágrafo da adaptação de Genebra do juramento de Hipócrates, num único parágrafo que será dito por centenas de milhares de médicos e para sempre em português: os meus colegas serão meus irmãos”.

Germano de Sousa



AGRADECIMENTOS

Os organizadores do X Congresso da Comunidade Médica de Língua Portuguesa, realizado nos dias 4 e 5 maio de 2022 em Bissau, agradecem e deixam registado o apoio recebido da Ordem dos Médicos de Portugal, do Ministério da Saúde Pública da Guiné Bissau e equipa, e da Fundação Ricardo Sanhá, determinantes para a concretização deste evento.

Boletim Informativo CMLP
Maio/2022

Acesse a versão eletrônica em cmlp.org.br

Organização: Francisco Pavão
Revisão de texto: Tikinet Brasil
Diagramação: Ingrid Carneiro/CFM
Supervisão editorial: Thaís Dutra/CFM

BISSAU - 4 E 5 DE MAIO
Hotel CEIBA

PROGRAMA

DIA
4

14:30 Cerimónia de Abertura

Secretário Executivo da CMLP, José Manuel Pavão
Bastónario Ordem dos Médicos da República da Guiné-Bissau, Isis Ferreira
Bastónario Ordem dos Médicos de Portugal, Miguel Guimarães
Vice-Presidente Conselho Federal de Medicina, Jeancarlo Cavalcante
Ministro da Saúde da República da Guiné-Bissau, Dionísio Cumba
Mensagem vídeo do Secretário Executivo da CPLP, Zacarias da Costa
Ministra dos Negócios Estrangeiros, Suzi Barbosa
Presidente da República da Guiné-Bissau, Umaro Sissoco Embaló

15:45 Saúde Lusófona no pós-pandemia

Preside: Elisa Gaspar, Bastónario Ordem dos Médicos de Angola
Moderação: Delfim Rodrigues, Vice-Presidente APAH | Plácido Cardoso, Alto Comissariado COVID19
Eurico Castro Alves, Centro Hospitalar Universitário do Porto | Sido Biai, Representante da OMS Guiné-Bissau

17:15 Violência no exercício da Medicina

Preside: Celso Matos, Bastónario Ordem dos Médicos de São Tomé e Príncipe
Moderação: Napoleão Henriques Viola, Ordem dos Médicos de Moçambique | Jeancarlo Calvante, Vice-Presidente Conselho Federal de Medicina | Danielson Veiga, Bastónario Ordem dos Médicos de Cabo Verde | Mustafa Na Lamba, Ordem dos Médicos da Guiné-Bissau

DIA
5

9:00 Língua como factor de coesão

Preside: Miguel Guimarães, Bastónario Ordem dos Médicos de Portugal
Moderação: Milton Tatia, Presidente Associação Médica de Moçambique | Augusto Gomes, Ministro da Cultura Guiné-Bissau | Sofia Saraiva, Camões I.P.

10:30 Capacitação e Desenvolvimento do Capital Humano em Saúde

Preside: Mamadu Balde, Diretor Geral do Sistema de Saúde
Moderação: Aissatu Forbs Djaló, Ordem dos Médicos da Guiné Bissau | Fausto Pinto, Diretor Faculdade de Medicina de Lisboa | Aladje Baldé, Instituto Nacional de Saúde Pública | Henrique Capelas, Presidente Conselho Administração Hospital de Guimarães

Cerimónia de Encerramento

Primeiro-Ministro da República da Guiné-Bissau, Nuno Gomes Na Biam
Comissão Organizadora da Ordem dos Médicos da Guiné-Bissau, Elizabete A. Ié
Presidente da Comunidade Médica de Língua Portuguesa



CMLP
Comunidade Médica
de Língua Portuguesa



Fundação
Ricardo Sanhá

2022



X

CONGRESSO
DA COMUNIDADE
MÉDICA DE
LÍNGUA PORTUGUESA



CMLP
Comunidade Médica
de Língua Portuguesa

